



Colorful
Letícia deu um
passo decisivo
em direção
ao livro no
Center for
Book Arts de
Nova Iorque
em maio, a
instalação de
papel
"Invasive
Species"

PHOTO: JAMES HARRIS



Isabel
Barrosa
faz questão
de que os seus
livros (como
este "Diário",
de 2011)
"sejam
acessíveis ao
maior número
de pessoas"

Arte e livros não são

Por causa da crise ou apenas porque o desejo de apreciar a arte continua irrepresível, o das artes visuais. Artistas fazem-no objecto das suas obras, editoras publicam associações e lojas criam lentamente um novo mercado. Eis um retrato presente e expandido

Em Portugal, as artes visuais andam a sério, discretamente, das paredes do cubo branco para acabarem nas mãos dos seus aficionados. No Porto e em Lisboa, existem lojas que vendem livros de artistas e "photobooks", cresceu o número de editoras especializadas e organizam-se feiras dedicadas a edição independente ou ao livro de fotografia. Há que se misturar revendedor e artista, gente que enfiaria na sua agenda, recorrendo ao mesmo suporte: o livro.

Foi na década favorecida utópica, como as fontanelas pela democratização do objecto artístico e a emergência da arte conceptual. Logo os tempos mudaram. Galeria e editoras rapidamente capitalizaram o novo formato, que afinal tinha caído e não era dirigido a um público alargado que para e simplesmente não existia.

A arte portuguesa não foi indiferente à experiência do livro, as (novas) relações que promovia entre texto e imagem, à sua vulnerabilidade ou materialidade. Basta recordar Lourdes Castro, Ana Hatherly, Ernesto de Sousa, Carlos Novais, Jorge Vieira, Maria Baptista, Vítor Pomar, Ana Jotta,

e nos últimos anos, Sónia Almeida, Nuno da Luz, Pedro Tinto Reis, Gabriela Albuquerque, Joana Bastos, André Guedes, Miguel Palma, Vasco Barata ou Bruno Pacheco. Não consistia em claudicar, no entanto, afirmar, que a maioria destes casos o livro de artista raramente ganha proeminência sobre os outros suportes ou ocupa nas obras um lugar pouco mais do que periférico. Muitos dependentes de características fixadas historicamente como as disciplinas tradicionais, com uma especial carilidade, longe da paridade com o público. Como um carilidade discreta.

Em junho passado, no Arquivo Municipal de Lisboa, Silva Prudêncio (Lisboa, 1981) protagonizou uma situação pouco vulgar na arte portuguesa: estreou-se no contexto expostivo com um livro de artista, intitulado "Coleção", compunha-se de dez pequenos volumes, cada um mostrando uma sequência de imagens fotográficas que, posicionada de uma forma particular nas páginas, provocava um jogo entre o livro e o conteúdo. As imagens (figuras e eventos próximos da dança e do desporto) alternavam

livro parece ganhar maior protagonismo no universo trabalhos que só existem nas suas páginas, do livro de artista em Portugal. José Marmeleira

de esquerda e para direita (e vice-versa) e pareciam repetir-se, baralhando a interpretação e a leitura. "Querá que fosse uma coisa pequena, que implicasse uma proximidade física, uma intimidade que acabava negada pelas imagens. Mas não ultrapassava ou subvertia o funcionamento tradicional do livro", esclarece. "Intimidade apenas a sua materialidade na disposição dos conteúdos para frustrar as expectativas em relação ao objecto". Não por acaso, o título esconde-se nas últimas páginas e não há qualquer numeração ou índice. "Quê, acima de tudo, pensar o livro como um todo, reconhecê-lo na sua totalidade e complexidade. Pensar as relações que se podem criar entre a sequência como um todo e a página do livro como um fragmento. E trabalhar-las como um espaço de paradoxo".

Depois de "Coleção", que tem uma edição dispendiosa na STET (e a partir de Setembro chega à "Já na", Silva Prudêncio espera continuar a trabalhar com livros, apegado

a dois ou outros dispositivos. Quanto à democratização da sua obra, através de mais edições, dependerá da existência e do interesse de um público. "Uma edição em maior quantidade, apesar de baixar o custo de cada livro, aumenta o investimento necessário para a produção. Pouco edições pequenas são a única forma que tenho de concretizar as coisas". Isabel Barrosa (Cascais, 1974) tem consignado na sua produção um livro preponderante ao livro, sobretudo nos últimos anos. Dois fatores explicam esta decisão. O ambiente receptivo aos livros de artistas e a edição independente de Bruxelas, onde se formou em pintura na Ecole "Natura" de Supérieure des Arts Visuels. "La Chambre" e a realização de um doutoramento subordnado ao auto-retrato e à auto-representação no século XIX que teve, entre outros casos de estudo, a figura francesa Sophie Calle. "Há um lado muito democrático na sua obra. Os livros (de lá) são, breche na tábua de madeira, com aplicações de folha de ouro e relevos, mas vendem-se a

20 a 30 euros. Os detalhes enfiavam o lado comercial, mas também a liberdade sensorial, quando os folheamos, tocamos, manipulamos". Estava dado o mote para uma actividade que, boçada durante o tempo de estudante na Ar.Co, se prolongaria até hoje. "Bogert tem projecto que queria na gavra e foi a coleção de cinco livros com desenhos. Cada um reunia trechos para diferentes factos das nossas vidas. Não são ilustrações ou histórias fechadas. Para mim, o ideal é que o leitor os folheie e se identifique com algumas personagens ou cenas, que saltem de um livro para o outro". Da parede para as mãos Nos projectos seguintes, Isabel Barrosa começou a explorar a narração e a figuração humana no desenho, acrescentando-lhe novos elementos (carimbos, selos, autocollants, fotografias, recortes), sem que tal ameaçasse a acessibilidade económica dos livros. "Não são baratos de fazer, uso papel reciclado, ecológico, mas acho que sejam acessíveis ao maior n°

"All Beauty Must Die", de Patricia Almeida, intercala fotografias de festivais com mensagens escritas que o público deixou na exposição da artista no IES Photo 2010

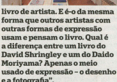
Levar as imagens para casa

Se há área em que as fronteiras de conceito de livro de artista se agitam num piscar de olhos, é a fotografia. Como distinguir um livro de artista de um livro de fotografia? Não sentido considerar tal distinção? Com que critérios? Paulo Cortes, da STET (associação e livraria que dirige com a comissária Filipa Valladares na Rua do Norte, em Lisboa), admite, cautelosamente, algumas diferenças: "Os livros de fotografia são menos artísticos, pela a fotografia é reproduzida de forma industrial. Mas nem por isso deixam ser sofisticados do ponto de vista da escolha dos materiais e da impressão". E mostra alguns exemplos, como "All Beauty Must Die", de Patricia Almeida, que intercala fotografias de festivais de música com as mensagens escritas que o público deixou na sua exposição no IES Photo 2010, ou o belissimo livro "pabete-book" (livro de design João & Mariana) sobre o projecto "Palasagem e Povoamento" com imagens fotográficas de Montemor - Novo ano de artistas. João Pedro Cortes, que gere com André Príncipe a editora Pierre Von Kleist e outra perspectiva: "O livro de fotografia, pelo nome da forma como não se pensamos. É um

livro de artista. É o da mesma forma que outros artistas com outras formas de expressão usam e pensam o livro. Qual é a diferença entre um livro de David Shrigley e um de Dado Moriyama? Apenas o meio usado de expressão - o desenho e a fotografia". Numa coisa estão todos de acordo: os livros de fotografia obedecem a certas especificidades. "Tem uma ordem, uma montagem, um design próprio. Não são feitos a pensar na parede, são pensados para serem lidos, para serem lidos", argumenta Filipa Valladares. João Pedro Cortes complementa: "Quando pensamos num trabalho e na possibilidade de se tornar num livro, existem as imagens e o objecto-livro. E é essa relação que nos interessa explorar, entre um conjunto de imagens e as possibilidades artísticas que o livro oferece. O material, o layout, a sequência, o ritmo. Por isso não publicamos catálogos ou livros que sejam afectados a uma exposição?". Para Filipa Valladares e Paulo Cortes, assinados a um "boom" de livros de fotografia, a democratização das técnicas de impressão e a recuperação para o mercado internacional dos "pabete-books" (livros de fotografia históricos e de culto, como "Lisboa, Cidade Triste e Alegre", de Victor Serrão e Costa Martins) pelo fotógrafo brasileiro também é distribuído. A Pierre Von Kleist é uma editora assinalável nos dois livros vendidos na Internet, sem a mediação de galerias ou institutos.

Plu e a comissária: "Os livros acabam por ter a função de nos fazer esquecer. É a escala é outra, mas há uma revelação especial quando manuseamos um livro de fotografia". Filipa Valladares, comissária

"A escala é outra, mas há uma revelação especial quando manuseamos um livro de fotografia"
Filipa Valladares, comissária



A STET, de Paulo Cortes e Filipa Valladares, em Lisboa

✦ número de pessoas. Tenho a convicção de que se pode fazer um bom objecto num bom papel e com algum dinheiro. Pagar o livro e ter dinheiro para o próximo, mantendo-o acessível, é um ponto ético do meu trabalho". As histórias e as situações representadas pela artista constroem diários gráficos contaminados pela ficção e partilhados pelos leitores. O formato reduzido e a facilidade com que é manuseado apelam ao uso e à portabilidade e, inevitavelmente, as marcas da gordura da pele partilham as páginas com as intervenções sobre o papel.

Já a aproximação de Catarina Leão (Bragança, Alemanha, 1970) ao suporte do livro foi marcada por fases distintas. Em 2001, motivada por questões como a relação do homem com a natureza e portabilidade da escultura, produziu uma série de tendas, que se fechavam num saco portátil e que eram acompanhadas de um livro de instruções. "Ainda não era um coisa assumida, mas já havia a intenção de associar à escultura e à instalação uma edição", revela. Anos depois, apresentou na Bienal de Pontevedra (2004) um conjunto de agendas e textos sobre papel ("Survival Systems - Urban Action Catalog"), que compunham um imaginário catálogo de equipamento militar e de campo. O passo decisivo na direcção do livro só viria a dar-se em 2006, quando ingressou numa residência no Center for Book Arts em Nova Iorque. "Comecei a estudar engenharia do papel, tive aulas de encadernação, aprendi muito sobre impressão, tipografia. E isso mudou o meu trabalho plástico". Deste período resultaram

"Weatherproof" (2007), um livro em acordeão de 50 exemplares, e "Uplift", que, recorrendo ao "pop up", parte da bidimensionalidade da página para fazer do desenho algo que se fecha, que se dobra, entre sombras, buracos e o preto e o branco, evocando narrativas habitadas por objectos, árvores, figuras humanas

Exposta numa segunda versão na Casa das Artes, em Vigo (no âmbito da Bienal de Vila Nova de Gaia deste ano), "Invasive Species" (2010-2011) explora alguns dos pressupostos destes trabalhos, algures entre o cubo branco e o livro: "É uma instalação de papel, versátil, móvel. As folhas têm buracos, dobram-se e fecham-se numa caixa que tem a forma de um livro gigante que se expande. E que remete para a ideia do "pop up".

Regressada a Portugal há um ano e meio, Catarina Leão descobriu um panorama animador para os livros de arte. Na Inc., há pouco mais de um mês, apresentou, entre outros trabalhos, "Drift", um fanzine que assegura a um público alargado uma entrada mais directa na sua obra, e alguns dos seus livros integram já importantes colecções de arte nacionais. Embora relativamente indiferente à academia (dembra nos Isidoro Baraona: "Não há em Portugal nenhuma Universidade com um departamento dedicado ao tema ou que o estudo de literatura seria"), o livro de artista lá vai reservando um lugar na galeria e nas nossas mãos.

Em Junho passado, no Arquivo Municipal de Lisboa, Sílvia Prudêncio protagonizou uma situação pouco vulgar na arte portuguesa: estreou-se no contexto expositivo com um livro de artista, "Colecção"



"Colecção", de Sílvia Prudêncio, compõe-se de dez pequenos volumes: "Quería que fosse uma coisa que implicasse uma proximidade física [com o leitor]"



Experimentação e independência

A Feira de Publicação Independente da Faculdade de Belas-Artes do Porto deu a conhecer o crescimento deste universo

De certa forma, o impulso que anima o livro de artista é o mesmo que anima a edição independente: imprimir e publicar sem constrangimentos comerciais, experimentar com conteúdos e formatos. Onde se separam a talvez no grau de "ativismo" e no âmbito em que inscrevem a sua intervenção.

Ana Simões, jovem investigadora do Porto, define a publicação independente como "um pequeno espaço de liberdade, prazer, experimentação e amor pelo objecto impresso". Sem a influência de terceiros e raramente movida pelo lucro, embora isso "não signifique total desprezimento de apoios financeiros".

Os objectos podem tomar diversas formas. "Uma revista, uma fanzine, um jornal ou até um conjunto de postais, mas os valores por trás da publicação e da venda mantêm-se": independência, experimentação. É neste sentido que podemos traçar uma linha com editoras do século XX, como a Malik Verlag e a Black Sun Press, ou a actividade editorial das Guerrilla Girls.

Mas a edição independente estende-se para lá das artes plásticas, até à banda desenhada, à ilustração: "São dois dos conteúdos mais recorrentes nas páginas deste tipo de publicações. É comum ver um ilustrador a produzir a sua própria fanzine e alguns chegam a utilizar as páginas das revistas e fanzines como suporte principal dos seus trabalhos". As consequências sobre a natureza das obras são relevantes: "A publicação auto-editada passa a ser o verdadeiro

"Perante a crise económica, é natural que surja um interesse renovado no desenvolvimento de projectos auto-iniciados que possam transformar-se nalgum tipo de rendimento, ainda que mínimo, para artistas e designer"
Ana Simões, investigadora

formato da ilustração, dando possibilidades narrativas ao autor que a ilustração emoldurada dificilmente conseguiria. E essas narrativas ilustradas enriquecem o universo da publicação independente".

Ana Simões integra a revista "Pangrama" que este Verão organizou a Feira de Publicação Independente na Faculdade de Belas-Artes do Porto. A iniciativa correu muito bem e deu a conhecer o crescimento deste universo na cidade. Desafínios a investigadora a especular sobre as causas do fenómeno. "Perante a crise económica, é natural que surja um interesse renovado no desenvolvimento de projectos auto-iniciados que possam transformar-se nalgum tipo de rendimento, ainda que mínimo, para artistas e designers, estudantes e jovens. Mas parece-me complexo e presumido procurar uma explicação unilateral para a questão. Será, com certeza, fruto de razões sociais e culturais mais profundas, que mereceriam uma investigação mais rigorosa". Enquanto essa investigação tarda, resta-nos celebrar e conhecer os projectos, não apenas do e no Porto. Na banda desenhada, a associação Chilli Com Carne, as editoras Zona, Liebow Studio, El Pep, MMDNNRRRR. Na arte e no design, a editora Braço de Ferro, as revistas "Pangrama", "Atlas - Projecto de desenho". No ensaio e na literatura, as editoras Nada, Averno, Vendaval, etc. Mariposa Azul, a Black Sun. Em territórios mais híbridos, próximos da ilustração, as editoras Plans, Opuntia Books, Inverge, Casavali, Oficina do Cego (dirigida para a promoção de práticas de impressão e auto-edição), os Cadernos Serrote e a Ao Norte. E nunca é de mais lembrar a Feira Lúca, em Lisboa, a Galeria Dama Alina, em Porto, a livraria Itinerária Estante e, claro está, a Feira de Publicação Independente do Porto. JM.